



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE EDUCAÇÃO

XX SEPE - SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DO SETOR DE
EDUCAÇÃO/2006

A Práxis Plástica na criança portadora de paralisia cerebral.

Andressa Mattos Salgado

Iniciação Científica (UFPR/TN)

Palavras-chave: Aprendizagem; Paralisia Cerebral; Práxis Plástica.

O presente relatório de pesquisa pauta-se na análise dos Referenciais Bibliográficos Clássicos acerca da Psicologia do Desenvolvimento da Criança encontrados na Biblioteca de Ciências Humanas, Letras e Educação da Universidade Federal do Paraná, e de informações apresentadas e defendidas no programa de Pós-Graduação em Educação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com o propósito de reunir as mais evidentes e significativas contribuições à Área da Educação. Também, discorre sobre as mais relevantes contribuições de pensadores sobre o desenvolvimento mental de crianças portadoras de Paralisia Cerebral e sobre uma possível intervenção por meio do uso de materiais artísticos que possibilitem à criança com Paralisia Cerebral simbolizar e construir uma práxis plástica. O método de pesquisa utilizado seguiu o delineamento de pesquisa bibliográfica e os dados teóricos obtidos construirão o referencial que dará suporte para o prosseguimento da pesquisa da qual esta faz parte.

Este trabalho pretende, entender como é possível uma criança com lesões cerebrais que não anda, que não tem fala clara e bem articulada, e que não manipula objetos, apresentar um desenvolvimento cognitivo normal e desenvolver um processo simbólico, servindo-se das linguagens expressivas das artes plásticas. Pretendeu também, buscar subsídios teóricos que fundamentem a idéia de que o universo simbólico que constitui o sujeito com paralisia cerebral pode ser expresso mediante sua atividade plástica, e que esta atividade possibilita o discurso plástico do sujeito com paralisia cerebral. Assim, mais do que simplesmente uma atividade, ela passa a ser concebida como práxis plástica.

Paralisia Cerebral é a lesão de uma ou de várias partes do cérebro, principalmente o córtex motor. O córtex motor é responsável pelo controle e coordenação da motricidade voluntária. A lesão cerebral pode acontecer durante a gestação, durante o parto, ou após o nascimento, ainda no processo de amadurecimento do cérebro da criança. Essa lesão é provocada muitas vezes pela falta de oxigenação das células cerebrais. Dependendo da região do cérebro onde ocorre a lesão e da quantidade das células atingidas, diferentes partes do corpo podem ser afetadas, alterando o tônus muscular ou a postura e provocando dificuldades funcionais nos movimentos. Pode também, gerar movimentos involuntários, alterações do equilíbrio, do caminhar, da fala, da visão, da audição, da expressão facial, inabilidade para segurar objetos e deglutir. Em casos mais graves pode haver comprometimento mental. Cabe ressaltar que paralisia cerebral não implica necessariamente em deficiência mental. Apesar de haver uma alta incidência de alterações cognitivas em alguns portadores de Paralisia Cerebral, em outros as habilidades intelectuais mantêm-se intactas. Partindo das características da criança com Paralisia Cerebral que constitui o sujeito de nosso estudo, o qual não apresenta deficiência mental, buscamos entender como esta criança se serve das linguagens expressivas para tecer um discurso plástico.

A *práxis plástica* segundo VALENTE (1991) é a atividade plástica realizada pela criança que tem como objetivo principal a expressão da criança, de modo que essa expressão esteja a serviço da autonomia. Para que o sujeito autônomo se constitua enquanto tal, a psicanálise propõe a fala articulada, a palavra. CASTORIADIS (1987 apud. VALENTE, 1991) diz a esse respeito que as leis da linguagem libertam o sujeito, pois o reconhecimento, pelo sujeito, do seu desejo, acontece pelo enunciado do EU consciente. OSTROWER (1984 apud. VALENTE, 1991) por sua vez, diz que o homem usa a palavra para representar as coisas. Mas, acrescenta ela, a linguagem articulada ou verbal, não é o único meio de comunicação do sujeito. Nessa representação os objetos são destituídos da sua materialidade e sensorialidade, para converterem-se em pensamentos e sonhos, transformando em símbolos aquilo que antes pertencia à realidade, criando assim uma nova realidade. Essa nova realidade passa a constituir o universo simbólico do sujeito.

Existem segundo OSTROWER (1984), outras linguagens mediando as relações entre o nosso mundo interno e o externo, e alguns modos de comunicação acontecem mediante uma ordenação, ou seja, através de formas (OSTROWER, 1984 apud VALENTE,

2001). O formar, o fazer plástico, o criar, é uma linguagem que enuncia o sujeito, objetiva a sua comunicação VALENTE (2001).

A arte enquanto linguagem expressiva tem como finalidade possibilitar a constituição do sujeito porque mediante o seu discurso plástico o sujeito formula aquilo que é, para ele, a sua realidade. Ao mesmo tempo, pode comunicar ao outro o modo como esse sujeito significa a realidade interna ou externa a ele, ou seja, o sujeito expressa pictoricamente aquilo que, para ele, faz sentido. A manifestação pictórica pode, portanto, comunicar ao outro a significação que o sujeito dá a sua existência e à realidade externa a ele. Assim, a práxis plástica tem como finalidade, a construção pela criança do seu discurso plástico, com vistas à autonomia.

Há uma forte necessidade de resgatar o potencial criativo da criança com paralisia cerebral, e a arte pode aprimorar a conscientização da criança, que pode, por meio dela, ultrapassar suas deficiências e lidar criativamente com os limites que a lesão lhe impôs. Acredita-se que com a aquisição da capacidade de representação simbólica, abre-se o universo da linguagem falada e escrita, para esta criança com paralisia cerebral a arte plástica chega como o espaço de representação das relações do mundo, é quando a criança adquire gradualmente o domínio sobre a atenção, pensamento, linguagem, memória, criatividade e imaginação a serviço da construção do seu discurso plástico. Enfim, percebe-se como ser criativo e que seus limites podem ser superados.

Ao discutir relações entre aprendizado e desenvolvimento, VYGOTSKY (1991) afirma que os dois processos estão inter-relacionados desde o primeiro ano de vida da criança. Bem no início, assim que o bebê nasce, essa troca simbólica se manifesta pelos sinais mútuos que mãe e filho (a) estabelecem entre si, sinais estes cujo objetivo principal é a comunicação, embora não se constituam linguagem verbal estrito senso. Segundo VYGOTSKY (1991) é na observação cuidadosa do uso que a criança faz do instrumento sob diferentes circunstâncias, com auxiliares externos, que poderíamos observar mudanças nas operações intelectuais, assim, novos processos de desenvolvimento tornam-se capazes de operar quando a criança interage com outras pessoas. Nessa perspectiva, a atividade simbólica age como uma função organizadora específica que invade o processo do uso de instrumentos e produz formas fundamentalmente novas de comportamento.

VYGOTSKY (1991) afirma que, com a aquisição da fala racional a criança inicia um fenômeno de transição das funções inter-psíquicas para as intra-psíquicas, isto é, a atividade social e coletiva da criança para a sua atividade mais individualizada. Como

uma relação intrínseca à construção e aquisição da fala, para VYGOTSKY (1991), o desenho e o desenvolvimento do simbolismo no desenho da criança, começa quando a linguagem falada já alcançou grande progresso e já se tornou habitual na criança. e cresce lado à lado com o da fala. Assim, o desenho é uma linguagem gráfica que surge tendo por base a linguagem verbal. Há um momento crítico na passagem dos simples rabiscos para o uso de grafias como sinais que representam ou significam algo, a criança vai descobrir que os traços feitos por ela representam algo.

Para VYGOTSKY (1991), a lei geral do desenvolvimento rege que todas as funções do desenvolvimento da criança, aparecem em dois planos: primeiro no social e depois no psicológico. Isto é, primeiramente entre as pessoas, numa categoria interpsicológica e depois, na criança, enquanto categoria intrapsicológica. Uma operação, que inicialmente representa uma atividade externa é reconstruída e começa a ocorrer internamente quando há relação entre sujeitos, o processo interpessoal é transformado em intrapessoal. Todas as funções superiores se originam das relações entre indivíduos, essa transformação inter-intra, é resultado de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento tornando-se funções interiores, o desenvolvimento é produto da interação desses processos fundamentais.

VYGOTSKY (1991) propõe a existência de dois níveis de desenvolvimento, onde o que se observa é não o quantitativo, mas os meios pelos qual este desempenho é atingido. Por isso, o aprendizado deve ser combinado com o grau de maturação e com o nível de desenvolvimento real da criança, funções denominadas reais, são as que se estabeleceram como resultados de certos ciclos de desenvolvimento já completados. Considera-se mais importante, nesta perspectiva vygotskiana, aquilo que a criança faz com ajuda de outro, chamado de nível de desenvolvimento potencial aquilo que a criança faz com ajuda, é o desenvolvimento intelectual analisado perspectivamente, ou seja, aquilo que vai amadurecer. Servindo-se dos conceitos de nível de desenvolvimento real e nível de desenvolvimento potencial, Vygotsky propõe o conceito de nível de desenvolvimento proximal, que define como aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que são como “embriões” do desenvolvimento, o nível de desenvolvimento proximal é a distância entre os níveis: real e potencial.

Um aspecto essencial do aprendizado é o fato de que o nível de desenvolvimento proximal, desperta processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas, em cooperação. Uma vez internalizados esses processos tornam-se parte das aquisições de desenvolvimento do sujeito, independentemente da criança, ou de uma dificuldade física ou mental. Sob esta

permissa, segundo VYGOTSKY (1989) uma deficiência física é, para o indivíduo, uma constante estimulação para o desenvolvimento e aprendizagem, se um órgão devido a uma deficiência funcional ou morfológica, não é capaz de enfrentar uma tarefa, o sistema nervoso central e o aparato mental compensam a deficiência por uma superestrutura psicológica que permite superar o problema. “O desenvolvimento complicado por um defeito representa um processo criativo (físico e psicológico), ele se traduz na criação e na recriação da personalidade da criança com base na reestruturação de todas as funções adaptativas e na formação de novos processos – transposição, substituição, equalização – gerados pela desvantagem que criariam novos caminhos para o desenvolvimento” (1989 pág. 34).

O termo *isotrópico* significa que há uma mudança (um desvio, um contorno), mas a direção e as propriedades são mantidas, enquanto a palavra *comutativa*, também relacionada com esse processo, encerra o sentido de permutação, substituição e equalização. Se por um lado, um defeito significa uma limitação, um problema no desenvolvimento, em contrapartida, estimula uma intensificação em direção ao crescimento do indivíduo, precisamente porque cria dificuldades que poderão ser superadas. A deficiência é criada não pela falha de uma ou outra função observada na criança normal, mas pelas novas formações conseqüentes a este lapso que a criança com a deficiência processará.

Essa possibilidade de reorganização cerebral através de caminhos isotrópicos que Vygotsky apresenta embasado na possibilidade de um uso mais ativo de vias alternativas, foi explicitado mais tarde por LURIA (1988), que destacou a imensa possibilidade de compensações que ocorrem no campo das funções humanas. O distúrbio de uma forma de atividade humana por certa lesão cerebral localizada, indica que esta zona cerebral particular é importante para a atividade normal de todo o sistema funcional, no entanto, se uma parte do cérebro for lesada, o sistema funcional transforma-se plasticamente no sentido de superar a dificuldade e, trabalha diferentemente. Em outras palavras, a lesão da paralisia cerebral afeta as zonas pré-motoras, incapacitando o indivíduo à criação de esquemas motores que permitem uma execução “fácil” de habilidades motoras e movimentos voluntários consecutivos, mas o componente operatório do comportamento motor pode ser compensado pela plasticidade neuronal do cérebro da criança, conseguindo atingir outras habilidades, por ora limitadas à deficiência motora, por meio de caminhos alternativos de desenvolvimento, possibilitando que essa criança se expresse e simbolize.

Nessa etapa da pesquisa temos um resultado não empírico, mas, de estudo bibliográfico, portanto cabe-nos explicitar aqui nossa reflexão e síntese acerca do referencial teórico estudado. De um modo mais específico, importa-nos posteriormente, conhecer se as linguagens expressivas das artes ajudam a criança a construir um discurso plástico, que lhe possibilite falar de si, e se o acesso a essa linguagem permite um grau maior de interação. VALENTE (1991) acrescenta que o formar, o fazer plástico, é uma linguagem que tem um “vocabulário” constituído por vocábulos de natureza física que está a serviço da expressão da criança, de modo que ela possa comunicar o seu “estar” no mundo. Esse discurso plástico, ou práxis plástica, fornece à criança uma linguagem pela qual ela não só se anuncia, no sentido de que se dá a conhecer, mas também se enuncia, por que se expressa, se manifesta, diz sobre si.

Tendo como suporte os referenciais da teoria de Vygotsky e os conceitos sobre a criança com paralisia cerebral, entendemos que a criança deficiente tem seu desenvolvimento baseado nas mesmas leis que a criança sem deficiência, mas que segue vias alternativas de desenvolvimento, acredita-se que esta criança quando solicitada a expressar o seu universo simbólico mediante as linguagens expressivas das artes plásticas pode construir um discurso plástico. As dificuldades de interação com o meio, derivadas de lesões cerebrais, levam o indivíduo com deficiência a criar outros caminhos, partindo de mecanismos não convencionais nas interações, nos níveis intra e interpsicológico. Sendo assim, a criança com paralisia cerebral, apesar de suas limitações, modula e constrói processos de desenvolvimento, a partir de atividades externas, de ações visíveis, mediadas pela relação com o outro com um alto grau de intersubjetividade.

Entendemos também que a criança com paralisia cerebral consegue desenvolver o processo simbólico, por meio da função exercida pela palavra na interação social estabelecida com o outro, tendo em vista os processos inter e intra psicológicos. Tendo este referencial construído, ele será suporte da pesquisa da qual este estudo bibliográfico faz parte na tentativa de mostrar que os desenhos e as outras formas de expressão artística da criança com paralisia cerebral podem ser fonte da apropriação das linguagens expressivas artísticas plásticas, com vistas à construção do seu discurso plástico. Para conhecer se essa possibilidade de práxis plástica pela criança com paralisia cerebral é efetiva, esse referencial teórico exposto foi estudado para dar base à continuidade da pesquisa a qual esta está inserida.

REFERÊNCIAS TEÓRICOS

- 1- LURIA, A, R. LEONTIEV, A, N. VYGOTSKY, L. S. **Psicologia e Pedagogia: Bases Psicológicas da Aprendizagem e do Desenvolvimento.** Tradução Rubens Eduardo Farias. Editora Moraes 1ª Ed.São Paulo, 1991
- 2- LURIA, A, R. LEONTIEV, A, N. VYGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.**Tradução Maria da penha Villalobos. Editora Ícone. São Paulo 4 ed. 1988.
- 3- VALENTE, T. S. **Arte-Educação: em busca da autonomia.** Vitória, 1991.Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Pedagógico, Universidade Federal do Espírito Santo
- 4- VALENTE, T. S. **Desenho figurativo: uma representação possível do espaço** – Aspectos cognitivos do desenho figurativo da criança de 4 a 10 anos. Curitiba, 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.
- 5- VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** Organizadores: Michael Cole; Tradução José Cipolla Neto, Luiz Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 4 ed. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- 6- VIGOSTSKY, L. S. **Fundamentos de Defectologia.** Obras Completas. Havana: Editorial Pueblo e Educación, 1989.

